



AUTOBIOGRAFIA, PATRIARCALISMO E EMANCIPAÇÃO FEMININA NA OBRA *AS INSEPARÁVEIS*, DE SIMONE DE BEAUVOIR



AUTOBIOGRAPHY, PATRIARCHALISM AND FEMALE EMANCIPATION IN THE WORK *THE INSEPARABLES*, BY SIMONE DE BEAUVOIR

Erika Maria Albuquerque SOUSA
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Yls Rabelo CÂMARA
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Solange Santana Guimarães MORAIS
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 19/07/2022 • APROVADO EM 19/04/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295./mgren.v12i1.343>

O presente artigo tem por objetivo analisar a obra *As inseparáveis* (2021), de Simone de Beauvoir, que relata as expectativas que fundamentaram a revolta e a obra da grande filósofa francesa: sua emancipação e o antagonismo entre intelectuais e conservadores. Também visa retratar e denunciar uma sociedade hipócrita e fanática. Em um primeiro momento, apresentamos a juventude de Simone de Beauvoir para analisarmos em que contexto histórico, social e político ela começou a estudar Filosofia e, sobretudo, como esses estudos constituíram o primeiro marco da sua emancipação familiar. Por fim, analisamos como, no romance, Simone de Beauvoir estabelece um jogo de contrários entre ela e sua amiga, apresentando temas como patriarcalismo e a busca pela emancipação traçados com a finalidade de interpretar as possibilidades da sua própria libertação do conservadorismo da sociedade na qual estava inserida. Este é um levantamento bibliográfico, uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, que tem como base primária a obra em tela e como base teórica os estudos de pesquisadores basilares para a área como Bonnet (2021), Halbwachs (1990) e Lejeune (1975) dentre outros. Concluímos que os caminhos percorridos pelas duas personagens, embora divergentes, fluíam em uma rua de mão única. Zaza consegue sua emancipação através da morte, enquanto Sylvie enfrenta e luta perante uma sociedade patriarcal. Assim sendo, faz-se necessários que estudos como o presente artigo continuem a se realizar, desmontando as máscaras de uma sociedade que ainda carrega em seu bojo, lascas de desigualdade.

Abstract

This article aims to analyze the work *The inseparables* (2021), by Simone de Beauvoir, which reports the expectations that founded the revolt and the work of the great French philosopher: her emancipation and the antagonism among intellectuals and conservatives. It also aims to portray and denounce a hypocritical and fanatical society. At first, we present Simone de Beauvoir's youth to analyze in what historical, social and political context she began to study Philosophy and, above all, how these studies constituted the first milestone of her family emancipation. Finally, we analyze how, in the novel, Simone de Beauvoir establishes a game of opposites between her and her friend, presenting themes such as patriarchy and the search for emancipation traced in order to interpret the possibilities of her own liberation from the conservatism of the society in which she was inserted. This is a bibliographic survey, a basic research, with a qualitative approach and exploratory objective, which has as its primary basis the work in question and as a theoretical basis the studies of fundamental researchers for the area such as Bonnet (2021), Halbwachs (1990) and Lejeune (1975) among others. We conclude that the paths taken by the two characters, although divergent, flowed on a one-way street. Zaza achieves her emancipation through death, while Sylvie faces and fights before a patriarchal society. Therefore, it is necessary that studies such as the present article continue to be carried out, dismantling the masks of a society that still carries splinters of inequality.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Simone de Beauvoir. *As Inseparáveis*. Autobiografia. Patriarcalismo. Emancipação.

Keywords: Simone de Beauvoir. *The Inseparables*. Autobiography. Patriarchy. Emancipation.

Introdução

De acordo com Halbwachs (1990), as lembranças coletivas podem ser rememoradas por todos aqueles que estiveram envolvidos no contexto do tema em tela, porque não se faz necessário que os homens estejam materialmente presentes, visto que essas pessoas se perpetuam de alguma forma na consciência individual de cada ser humano. Para o teórico Alfredo Bosi (1994, p. 53), “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios”.

Desta maneira, essa forma de lembrar, para Ecléa Bosi (1994), significaria aqui, retornar ao passado, estabelecendo uma combinação de percepção entre o presente e os dados imediatos das lembranças. A memória permite que essa relação entre o tempo presente com o passado, possa, simultaneamente, interferir na realização das representações.

O objetivo deste artigo é analisar a obra *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir, escrito em 1954, cinco anos após a publicação de *O segundo sexo*, mas que só foi publicado pela primeira vez em outubro de 2020, na França, por Sylvie Le Bon de Beauvoir, sua filha adotiva. *As inseparáveis* é o romance autobiográfico que conta a história da amizade passionnal que uniu Sylvie (Simone de Beauvoir) e Andrée (Elisabeth Lacoïn, a Zaza) desde sua infância até o início da vida adulta. Segundo relatava Beauvoir (2021), o livro não tinha vocação para ser publicado, no entanto constitui para a posteridade um legado que justificou sua edição.

Sylvie e Andrée se conhecem aos nove anos, no colégio Desir, numa Paris em meio à Primeira Guerra Mundial. Andrée é representada no romance como impertinente, divertida e audaciosa, enquanto Sylvie, mais tradicional e contida, logo se sente irremediavelmente atraída pela amiga. Entrementes, por trás da postura rebelde, Andrée lida com uma família católica fervorosa e patriarcal que, com suas convicções assaz rígidas e um ambiente opressor, está disposta a esmagar qualquer expressão de subjetividade ou de volição individual. Juntas, as duas amigas trilham o caminho para se libertarem das convenções de sua época e das expectativas asfixiantes, mas não fazem ideia do caminho trágico que terão que percorrer pela liberdade e pelas conquistas intelectuais e existenciais às quais aspiram: pagarão um preço muito alto por elas.

Lejeune (1975, p. 14), ao definir “autobiografia”, descreve o termo como sendo uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, particularmente na história de sua personalidade”. Assim, *As inseparáveis* relata as expectativas que fundamentaram a revolta e a obra da grande filósofa francesa: sua emancipação e o antagonismo entre intelectuais e conservadores de seu tempo. Por conseguinte, visa também retratar e denunciar uma sociedade hipócrita e fanática. Essa história catártica de Simone de Beauvoir, publicada com fotos pessoais e cartas trocadas entre as duas amigas, além da introdução de Sylvie Le Bon de Beauvoir, constitui o que Lejeune (1975), acima mencionado, retratada como autobiografia, e dialoga

com Gusdorf (1991, p. 11) quando afirma que “[...] a narrativa autobiográfica não se limita à narração exata dos fatos, ao contrário: preocupa-se em revelar o sentido de uma vida, na plenitude de sua permanente atualidade”.

Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em 9 de janeiro de 1908, no sexto distrito de Paris. Aquela era, então, uma das regiões mais nobres da capital francesa e lá Beauvoir passaria boa parte de sua vida. Em sua diuturna carreira como literata, escreveu romances, ensaios, biografias, uma autobiografia e tratados sobre Filosofia, política e questões sociais. Ganhou renome internacionalmente após a publicação de *O segundo sexo*, em 1949, que se tornou referência para os feminismos no século XX, e se consagrou nas lutas feministas a partir da década de 1960. Faleceu em 1986 e foi enterrada ao lado de seu companheiro mais conhecido, Jean-Paul Sartre, no Cemitério de Montparnasse.

Destarte, em um primeiro momento, nos detemos na juventude de Simone de Beauvoir para, ato seguido, analisarmos em que contexto histórico, social e político ela começou a estudar Filosofia e, sobretudo, como esses estudos constituíram o primeiro marco de sua emancipação familiar. Por fim, analisamos como, no romance, Beauvoir estabelece um jogo de contrários entre ela e sua amiga, apresentando temas como patriarcalismo e a busca pela emancipação traçados com a finalidade de interpretar as possibilidades de sua própria libertação do conservadorismo inerente à sociedade na qual estava inserida.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 As Mulheres e suas Funções Sociais durante as duas Guerras Mundiais

Segundo Pedro (2005, p. 77-98):

[...] o século XX foi um período marcado por inúmeras tensões e por uma extrema mobilidade nos destinos humanos. No entanto, pode-se afirmar que para mais da metade da população mundial – as mulheres – ele também foi um século de conquistas e de grande visibilidade.

Isso se deve à primeira onda do feminismo, ocorrida em meados do século XIX e que revolucionou países como Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Escandinávia e, principalmente, os Estados Unidos. Diante da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o movimento feminista diminuiu sua atuação, pois durante o conflito, com os homens no *front*, as mulheres acabaram por assumir funções e papéis sociais e laborais que antes pertenciam apenas ao mundo masculino. Após a guerra, com a volta à “normalidade”, o feminismo retomou suas campanhas sufragistas e as mulheres conquistaram não somente o direito de eleger, mas também o de serem eleitas (MESTRE, 2004).

À luz da historiadora Thébaud (1995), para as mulheres, a I e II Guerras Mundiais constituíram-se em uma experiência de liberdade e de responsabilidade sem precedentes. Contudo, segundo a mesma autora, nos momentos posteriores à II Guerra Mundial especificamente, tinha chegado o momento de ceder aos homens os lugares por elas conquistados e que antes pertencera a eles exclusivamente. Rotuladas de oportunistas e, muitas vezes, de incapazes, foram convidadas a



regressar ao lar e às tarefas femininas em detrimento dos antigos combatentes e em prol da reconstrução nacional. Umas resistiram, outras aceitaram. A desmobilização feminina foi, em termos gerais, rápida e brutal, particularmente para as operárias de guerra, as primeiras a serem despedidas.

De acordo com Hobsbawm (2010), o momento inicial de uma emancipação feminina ocorreu a partir de 1875. Um número grande e crescente de mulheres estava sendo atingido e transformado pela revolução econômica que se seguiu aos primeiros passos dados pela Revolução Industrial. Tornou-se patente a mudança na posição laboral e nas expectativas sociais das mulheres durante as últimas décadas do século XIX, embora os aspectos mais visíveis dessa emancipação ainda estivessem confinados às mulheres pequeno-burguesas. O sintoma mais evidente dessa mudança foi a expansão da educação secundária para meninas já nos anos anteriores a 1914, à I Grande Guerra.

As rápidas mudanças construíram um novo padrão de comportamento e, nesse caso, a luta feminina por diversos direitos teve um significado destacado. O seu papel na sociedade da virada do século XIX para o XX foi marcado pela difícil combinação da mudança com a permanência de valores velhos e tradicionais, que consideravam as mulheres secundárias em relação aos homens. A mudança mais significativa do período corresponde ao fato de que, nas cidades, ao menos nas mais populosas, a mulher começou a ganhar espaço na rua, a ocupar seu tempo não mais exclusivamente no restrito espaço do lar (HOBSBAWM, 2010).

Escrito numa época de dolorosa transição e reconstrução, no pós-II Guerra Mundial, *O segundo sexo*, publicado por Beauvoir pela primeira vez em 1949, como já o mencionamos, foi um grito de libertação para as mulheres e também para a própria autora. Através dele, ela afirmou-se, de modo definitivo, como pensadora original e testemunha crítica de sua própria época, dando voz a mulheres que estavam vivendo um momento de incertezas. Beauvoir entrecruzou os caminhos opostos da opressão e do projeto de emancipação para as mulheres, contribuindo para os estudos em relação à definição cultural de gênero, ainda desnaturalizaria a noção de corpo como um lugar de interpretações culturais e contextualizações sociais e, ao mesmo tempo, como um lugar de interpretações e transformações do que é recebido por nós.

Nesse sentido, surgiu também o existencialismo em seu ensaio intitulado “Por uma moral da ambiguidade”, escrito em 1947. Nele, a filósofa defende que o sujeito desvela seu ser através da sua própria liberdade. Dessa forma, a liberdade é a premissa primeira da existência, sendo essa a condição de homem livre que permite a fundação de uma moral. A filosofia de Beauvoir visa refletir sobre a ambiguidade da condição humana, tendo em vista que é por tal ambiguidade que o sujeito se percebe como livre e moral (MOTTA, 2018).

Um dos pressupostos defendidos pela filosofia beauvoiriana é a recusa a qualquer natureza preestabelecida e a de se fazer com que o indivíduo assuma a sua própria existência no mundo, sem qualquer tentativa de mascarar sua condição, para, assim, superar a si mesmo a todo instante, pois “[...] se o homem não pode modificar a sua essência, se não intervém no seu destino, só lhe resta aceitá-lo com indulgência: isso dispensa-o das fadigas da luta” (BEAUVOIR, 1965, p. 36).

Para Motta (2018), o existencialismo proposto por Simone causa inquietação, pois todas as práticas consideradas boas ou más seriam resultados da própria liberdade humana. Surge ainda a inquietação por se saber se tal teoria permite a elaboração de uma moral, em vista de que é preciso pensar como os valores do bem e do mal se assumem no mundo. O ser humano, através de sua própria liberdade, cria uma rede de responsabilidades através de seus atos, isto é, de suas ações no mundo, como propõe Beauvoir (2005).

Segundo a escritora, o pensamento existencialista surgiu a partir de uma filosofia centrada na ambiguidade, uma vez que tal doutrina reflete sobre o engajamento da liberdade humana. Deste modo, o homem apenas pode se afirmar como tal através de situações cujo fato singular é universal; ele só é ser humano quando assume sua liberdade e essa transborda na própria existência (MOTTA, 2018).

Por conseguinte, analisar as obras dela e, principalmente, entrelaçar o momento e a sociedade nos quais a escritora estava inserida, nos dá vazão para interpretarmos como a autobiografia e as teorias propostas por ela conseguem se entrecruzar. O estudo da obra *As inseparáveis* está conectado com o existencialismo vivenciado pela personagem Zaza, que só conseguirá atingir sua completude como ser humano quando morrer, sufocada por uma sociedade machista e acachapante – fato que se explica pela dualidade existente na teoria existencialista, para a qual o indivíduo jamais conseguirá justificar sua vontade de viver se buscar em outrem algum laço para amar sua própria vida e, com razão, desvendar sua existência – em vista que tal amor pela vida é puramente particular.

Zaza, ao tentar sempre agradar a seus pais e à sociedade à qual pertencia, acabou sufocando a sua própria história, não mais conseguindo, pois, justificar sua vontade de viver.

1.2 Simone de Beauvoir: uma mulher filósofa no início do século XX

Ao se traçar este tópico, buscou-se contornar o que o sociólogo Bourdieu (1986) problematizou como o perigo da “ilusão biográfica”, que consiste em estudar a autobiografia dos intelectuais como plenamente correspondente à realidade vivida por eles, subestimando o caráter narrativo e ficcional dos autorretratos. Isso se faz necessário, uma vez que a vida de Beauvoir está diretamente conectada com sua obra. Todos os eventos e experiências que viveu, os amigos que teve, os livros que leu e os lugares que conheceu estão presentes nela em seus ensaios e romances; ela utilizou-se de suas experiências sociais e pessoais para a constituição de sua teoria e dos textos advindos dela.

Sua biografia, desde a sua gênese, torna-se importante para compreendermos como a questão da família e dos valores familiares e sociais foram influentes na vida e na obra dessa intelectual, pois em seus romances, e também em suas memórias, encontrar-se-ão essas origens – base de onde podemos refletir sobre os destinos de suas personagens e dela própria.

Diante disso, cabe destacar um fato pouco comentado, mas que causou grande impacto sobre as possibilidades intelectuais de Simone de Beauvoir e que cumpre um papel central no romance em análise: a Revolução Russa de 1917. Ao abalar o mundo, esse evento histórico afetou também o patrimônio dos Beauvoir e,

ato seguido, prejudicou sua posição social e seguidamente lhes trouxe as consequências dessa derrocada.

Apesar de Simone descender de uma família rica, pertencente à ex-aristocracia francesa, assim como Zaza, a fortuna de seu pai acabou sendo atingida pelas crises econômicas do início do século, pois ele havia investido a maior parte do patrimônio líquido que tinham nos bancos da Rússia Czarista/Tzarista, perdendo-a após o conflito bélico de 1917. Pode-se afirmar que esse acontecimento apresentou-se como mote para a vida de nossa autora. Completamente arruinado, sem dote para poder casar suas filhas com homens do mesmo estrato social que o deles, como era de praxe na época, tomou uma decisão para garantir um futuro material para as suas duas herdeiras: mandá-las estudar em uma universidade pública e, em seguida, conseguir trabalho para ambas.

Essa foi uma situação que Simone de Beauvoir interpretou mais como uma vantagem do que como um sacrifício, como pode ser observado neste trecho: “Muitas vezes eu me congratulava, egoistamente, que os bolcheviques e a maldade da vida tivessem arruinado o meu pai: eu precisava trabalhar e os problemas que atormentavam Zaza não me diziam respeito” (BEAUVOIR, 2020, p. 51). Como já dito, a perda financeira da família significou sua desclassificação social e provocou, na sequência, sua ruptura com as famílias ricas tradicionais e ligadas à elite católica do país na época, que eram extremamente patriarcais e machistas, pois para as pessoas da classe de seus pais, a preparação das meninas/filhas para uma profissão era um sinal patente de derrota, já que se estimava que as mulheres nobres e burguesas não deveriam trabalhar, mas sim terem um papel de transmissoras do patrimônio familiar, de administradoras de suas casas e de representantes do seu meio nos encontros sociais.

Apesar de o pai de Simone ter se tornado mais liberal diante da crise econômica que a família precisou enfrentar, nem sempre foi assim. Desde a mais tenra idade, Simone já se apresentava como uma leitora precoce e sua família tinha gosto de cultivar sua curiosidade, mas sempre com muito cuidado. Sua mãe fazia assinaturas de enciclopédias constantemente e seu pai fez para ela uma antologia poética ensinando-a a recitar com expressão. Assim, quando Beauvoir tinha cinco anos, ficou decidido que ela deveria ir para a escola e, deste modo, passou a frequentar o Adaline Désir Institut – que ela nomeou posteriormente de Le Cours Désir.

Meninas de sua classe social normalmente não frequentavam a escola, mas possuíam preceptoras em casa, professoras/es particulares, e assim Beauvoir ia apenas duas vezes por semana ao colégio que lhe destinaram os pais. Os demais dias de estudos eram rigorosamente supervisionados por sua mãe, em casa. Adaline Désir Institut foi uma das primeiras escolas francesas a preparar moças para o *baccalauréat* – o exame que permite o acesso às universidades.

Segundo Bonnet (2021), em 1924, uma reforma do ensino igualou os diplomas femininos aos masculinos, diplomas esses que até então haviam sido desvalorizados e sinônimo de baixos salários para as mulheres – em detrimento dos salários pagos aos homens. Essa mudança tornou-se crucial para a abertura de Simone de Beauvoir à carreira que a esperava. A profissão de professora, para uma mulher de classe média, e às vezes de classe alta, tinha se tornado, à época, algo não apenas legalmente possível, mas bastante frequente também.

Simone queria privacidade para estudar e trabalhar; ela dava aulas em meio período e lecionava latim e grego no Lycée Victor-Duruy algumas horas por semana, o que lhe provia o suficiente para viver. Assim, aos vinte e um anos, saiu da casa dos pais e alugou um quarto na propriedade de sua avó materna. Assim, ela garantia também o “teto todo seu” woolfiano, onde poderia produzir literária e academicamente, com a tranquilidade necessária e os recursos financeiros idem (mesmo que parcos).

“Não há como medir a felicidade dos outros, e é sempre fácil chamar de feliz uma situação que uma pessoa quer impor ao outro” (BEAUVOIR *apud* KIRKPATRICK, 2020, p. 238). Com essa citação, podemos compreender um pouco mais sobre a filosofia de Beauvoir e também sobre sua forma de escrever, pois desde o início de sua trajetória, ela sempre se considerou uma escritora, enquanto deixava o título de filósofa para o seu companheiro e uma das pessoas que ela mais admirava: Jean-Paul Sartre.

Segundo Kirkpatrick (2020), ela havia visto a mãe sofrer em um relacionamento totalmente desigual com seu pai. Quando criança, Simone se recusara a ser tratada de forma protecionista simplesmente devido a seu sexo biológico, por ser menina, pois sabia que meninos e meninas eram iguais aos olhos de Deus. “Ela havia perdido Zaza, que morrera em consequência de discussões sobre o valor comparativo de dotes, propriedades e amor” (THOMÉ, 2021, p. 30).

Dessa maneira, quando afirmamos, no início, que o mínimo de compreensão sobre a biografia da autora era importante para o entendimento do escopo desse artigo, estávamos nos referindo ao pacto autobiográfico descrito por Lejeune (1975). É clara a sintonia entre vida de Beauvoir e sua escritura na obra *As inseparáveis*, uma vez que Simone de Beauvoir expressava, por meio de sua memória, a experiência da amizade com Zaza e também suas vivências, em uma crítica feroz à sociedade da época.

1.3 O século XX para as mulheres

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por inúmeros acontecimentos que, apesar de terem sido catastróficos, apresentaram grande importância para as mulheres, a partir de acontecimentos como as duas grandes guerras (a I Guerra Mundial, de 1914 a 1918, e a II Guerra Mundial, de 1939 a 1945), quando passaram a exercer funções sociais diferentes, iniciando um novo capítulo na História.

Reiterando o que anteriormente explanamos, enquanto os homens estiveram à frente das batalhas, as mulheres assumiram os negócios das famílias e as vagas laborais deixadas vazias por esse contingente masculino que fora lutar nos *fronts*, ocupando cada vez mais espaços dentro e fora do ambiente doméstico ao qual elas foram destinadas por dois milênios de patriarcado abraâmico e pecadocêntrico.

Ao findarem-se os conflitos beligerantes, principalmente a II Guerra Mundial, muitos desses homens haviam falecido ou encontravam-se mutilados e/ou impossibilitados de voltar a trabalhar. As mulheres pequeno-burguesas, que já estavam acostumadas ao labor fora de casa durante o/s período/s bélico/s em questão, seguiram labutando quando do fim do/s mesmo/s: “[...] As que ficavam

viúvas e eram de uma elite empobrecida, e precisavam se virar para se sustentar e aos filhos, faziam doces por encomenda, arranjo de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano, etc.” (PROBST, 2003, p. 1). Diante desse comportamento, impõe-se uma nova conceitualização de família.

Essa estrutura social foi se transformando com o passar do tempo, acentuando ainda mais a diferença de valores e costumes entre uns e outros, principalmente no século XX, pois com o acesso ao trabalho fora de casa, ao ensino secundário e superior e com o direito ao voto, mais mulheres passaram a exercer influência na vida pública. Essas transformações entraram em rota de colisão com o modelo de sociedade em voga no século XIX em grande parte do mundo cristianizado, pois o patriarcalismo arraigado nela não permitia que as mulheres estudassem ou escolhessem seus maridos, muito menos que elas decidissem se teriam filhos ou não.

O devir da mulher era ser preparada desde a infância para o matrimônio e a maternidade – se fosse de família nobre ou burguesa. Além dessas obrigações e dos trabalhos manuais (costura e bordado), havia a gerência dos serviços que atendiam à família, tocar piano e ler em latim, inglês e francês. Não se contemplava que um senhorita bem-nascida em bem-criada prescindisse de marido e filhos ou que, mesmo com eles, ultrapassasse os limites sacrossantos do lar para trabalhar fora dele. Esse último fato somente era permitido às mulheres pobres.

A ideia de um casamento por amor era, naquele contexto, muitas vezes descabida porque servia mais para alimentar ilusões entre as moças casadoiras e sonhadoras, que anelavam um marido apaixonado, mas que já estavam prometidas a seus noivos por seus pais, a quem não importava se a filha nutria sentimentos de carinho e afeição pelo pretendente ou não. Acreditava-se que o amor vinha com tempo e com a convivência. Daí podemos inferir quão insípida foi uma parcela considerável de casamentos até o divórcio ser aceito em certas sociedades herméticas, que apoiavam a infidelidade masculina e reduziam as mulheres à condição de depositárias matriciais e nutrícias, sem direito a usufruírem de sua sexualidade e de seus corpos como os homens o faziam.

Destarte, consoante Simões e Hashimoto (2012), em decorrência das inevitáveis mudanças na organização familiar frente a essas e outras intolerâncias quanto ao significado do matrimônio para mulheres e homens, outros arranjos relacionais entre umas e outros começaram a acontecer cada vez com mais frequência. Desde muito antes da vigência da teoria ptolomaica, a figura paterna era assemelhada à de Deus em suas casas e para suas famílias; o seu papel jamais era contestado. Com o transcorrer dos tempos, essa autoridade foi perdendo força paulatinamente, e foi surgindo um pai afetuoso e tolerante. Por meio de sentimentos mais edulcorados, a posição de autoridade do Deus pai foi diluída e complementada por outras instâncias como o Estado e a Nação, abrindo-se, assim, espaço para a figura do feminino.

Em fins da década de 1980, verifica-se o aumento exponencial da educação de nível universitário em diversos rincões do planeta. Na maioria dos países ocidentais, mesmo nos mais adiantados em termos de instrução escolarizada, como a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, a Itália, a Espanha, a URSS, o Brasil, a Índia, o México, as Filipinas e os Estados Unidos, em um cenário marcado pela diversidade, passou-se a oferecer mais vagas em universidades a fim de responder

às exigências da economia moderna. Uma parte dessas vagas era ocupadas por mulheres – e cada vez mais.

Para Stelmachuk (2012), o século XX também foi cenário da inserção em massa das mulheres no mercado formal de trabalho, realidade que afetou não só a classe operária, mas também a maioria dos setores das sociedades desenvolvidas. Outro aspecto da revolução social, segundo Stelmachuk (2012) refere-se ao surgimento de empregos que exigem escolaridade de nível secundário e superior, antes incomum – principalmente no que se refere às mulheres.

Com essa breve recapitulação histórica, pôde-se observar em que cenário se encontrava Simone de Beauvoir quando concebeu o trabalho que nos serviu de *corpus*, inserida em uma sociedade que estava se transformando: de um lado, a Igreja buscava manter os poderes a ela conferidos pelo patriarcado, influenciando seus fiéis, enquanto uma outra parcela da sociedade tentava se adequar aos novos modelos sociais e econômicos.

No tópico a seguir, temos os caminhos para a emancipação descritos por meio do contexto histórico vivenciado pelas personagens Sylvie (Simone de Beauvoir) e Zaza (Élisabeth Lacoïn).

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Analisando o romance beauvoiriano *As inseparáveis*

As inseparáveis (2021) é o título de um romance estruturado em torno de dois polos contrários: cada um incarnado por uma personagem que, por vezes, representa uma crítica social feita por Beauvoir. É exatamente nas tensões dos anos 1920, em meio a uma sociedade patriarcal regida por preceitos religiosos e familiares que o enredo encontra seu contexto imediato e seu pleno sentido. Diante de tais circunstâncias, pode-se entender e acompanhar, ao longo da narrativa, a vida detalhada de Zaza (Andrée), e junto a ela, parte do sofrimento de Simone de Beauvoir (Sylvie), pois para essa, ver a situação em que a amiga se encontrava a deixava sufocada.

Para Simone, segundo os estudiosos e também a sua autobiografia e escrita, o romance em questão configura-se como um desafio: interpretar a morte de Zaza como uma resposta social de indignação diante do sistema opressor e também em seu sentido social e coletivo, não somente individual. Zaza representa a violência exercida sobre as mulheres numa sociedade burguesa e patriarcal. Como defende Devaux (2010), Sylvie pouco se atreve a ultrapassar as regras impostas a uma menina bem-comportada, enquanto Zaza é insolente, questionadora da autoridade e das tradições religiosas católicas; apresenta um comportamento considerado masculino ao questionar as autoridades. Tal apresentação corresponde a outros relatos da filósofa, vindo a indicar a fidelidade aos acontecimentos, como pode ser observado no trecho abaixo:

Com 9 anos eu era uma menina muito comportada; nem sempre tinha sido assim [...] A guerra e a religião venceram minhas resistências. [...] Disseram-me que de meu bom comportamento e de minha devoção dependia a salvação da França por Deus: eu não podia me furtar. Comecei a rezar muitíssimo e tomei gosto por

aquilo. O padre Dominique, que era capelão no colégio Adélaïde, encorajou meu fervor. Com vestido de tule e touca de renda da Irlanda na cabeça, fiz minha primeira comunhão: a partir daquele dia puderam me citar como exemplo para minhas irmãzinhas. Obtive do céu que meu pai fosse designado para o Ministério da Guerra, por insuficiência cardíaca. (BEAUVOIR, 2020, p. 17).

Como exposto acima, Sylvie acabou sendo moldada à sociedade pelas armas que ela tinha: religião, família e patriotismo; relato muito comum à época. Quando uma pessoa se apresentava divergente do padrão esperado, principalmente nas sociedades patriarcais, era comum que recorressem a esses artifícios como uma forma de inibir o comportamento adverso. Após sua mudança de postura e de ser tida como um exemplo para suas irmãs, Sylvie conhece a pessoa que irá lhe influenciar muito. Já então com nove anos e aluna da escola católica Adeline Desir, um dia senta-se uma menina de cabelos escuros e curtos ao seu lado, Andrée, que é apenas alguns dias mais velha do que ela.

Ao se deparar com Andrée ao seu lado, Sylvie é envolvida pela inteligência e vivacidade da companheira de classe, que apresenta atitudes que a seduzem. Passa, então, a admirá-la; está subjugada. As duas disputam o primeiro lugar nas notas, tornam-se inseparáveis. Andrée é o oposto de Sylvie e, por esta razão, nasce mais do que uma amizade entre elas, pois Sylvie começa a se sentir influenciada pela amiga, rompendo progressivamente com seu meio social de origem, o que leva os pais de Zaza (Andrée) a não apreciarem a amizade das duas amigas.

Apesar de Zaza (Andrée) ser descrita no romance como espontânea, divertida e ousada, enquanto Simone (Sylvie) se rebela contra a sociedade, Zaza se encontra cada vez mais presa ao universo social e familiar. Segundo suas cartas relatam, sua solidão e as diversas proibições e punições que sofreu por parte dos pais, que não aceitavam que ela pensasse por si própria, foram uma constante em sua vida. Apesar de ser uma excelente aluna de Letras na Universidade de Sorbonne, ao contrário de Simone, quase nunca conseguia estudar, pois constantemente precisava cuidar dos seus irmãos e receber em casa os convidados da família socialmente bem aquinhoadas que tinha fazeres que tomavam todo o seu tempo. Mantê-la ocupada era uma estratégia que os pais haviam encontrado para mantê-la sempre longe das influências de Simone (Sylvie):

Cercada de uma família de irmãos e irmãs, primos, amigos, vasta parentela, devorada por tarefas, pela vida social, pelas visitas e pelos divertimentos coletivos, Zaza não tem um só momento para si mesma, não pertence a si mesma, não lhe é concedido nenhum tempo privado, nem para o violino, nem para os estudos; o privilégio da solidão lhe é recusado. (BEAUVOIR, 2020, p. 9).

Por este motivo, para ela, as férias de verão em Béthavy são descritas como um inferno. Sufocada por não poder ser a norteadora de seus próprios passos, ela toma uma atitude brusca e desesperada: chega a cortar o próprio pé com um machado para escapar de uma incumbência feita pela mãe. Sobre isso, descreve: “[...] naquele meio o importante é não se singularizar, não existir para si, mas

existir para os outros; mamãe nunca faz nada para si mesma, passa a vida a se devotar” (BEAUVOIR, 2020, p. 9).

A presença religiosa, ou melhor, do espiritualismo, pesou muito na vida de Zaza. A obsessão pecadocêntrica minou sua vitalidade. Ao contrário da amiga Sylvie, Andrée/Zaza estava bem a par das coisas do sexo, “a senhora Gallard, com uma brutalidade quase sádica, preveniu a filha de 15 anos sobre as cruzeiras do casamento. Não escondeu que a noite de núpcias ‘é um mau momento que se deve passar’” (BEAUVOIR, 2021, p. 12).

No entanto, a experiência de Zaza desmentiu esse cinismo apresentado por sua mãe, no momento em que ela conhece a magia da sexualidade, no auge da emoção pela experiência dos beijos que troca com o namorado Bernard – que não eram platônicos. Apesar de ridicularizar a futilidade das jovens virgens que a cercavam e a hipocrisia dos conservadores, que purificavam e negavam a irrupção das necessidades cruas do corpo, Zaza se vê suspeita de um pecado, o pecado da carne. Assim,

o remorso, o medo e a culpa a conturbam, e essa autocondenação reforça nela a tentação à renúncia, o gosto pelo nada e por preocupantes tendências autodestrutivas. Ela acaba por capitular diante da mãe e de Pascal, que a convencem do perigo de longos noivados, e concorda em exilar-se na Inglaterra, embora todo o seu ser se recuse a isso. Esta derradeira e feroz coerção, exercida contra si mesma, precipita a catástrofe. (BEAUVOIR, 2021, p. 13).

Ela viveu imersa numa sociedade intoxicada pela religião – o que acabou sufocando-a. No mesmo período, em 1929, Simone de Beauvoir, por sua vez, continuou à procura de outras saídas. Afastou-se do seu meio familiar conservador, rompendo “[...] explicitamente com a religião católica, passa no concurso do ensino de filosofia e conquista sua independência financeira, passando a viver, sozinha, num pequeno quarto em Paris” (BONNET, 2021, p. 120).

Zaza representa a opressão patriarcal naquela sociedade; de tanto lutar para viver para si, acaba sucumbindo um mês antes de completar vinte e dois anos, no dia 25 de novembro de 1929. Ela havia sido convencida de que ser ela mesma era uma pretensão para o mal. Desde o seu nascimento, no seio da burguesia católica militante, em suas tradições rígidas, o dever da mulher consistia em se esquecer, renunciar a si mesma, adaptar-se. Acredita-se que por ser excepcional, Zaza, não conseguiu cumprir com o seu dever imposto: “[...] adaptar-se – termo sinistro que significa se encaixar no molde pré-fabricado em que nos espera um alvéolo entre outros alvéolos: o que transbordar será comprimido, esmagado, jogado fora como dejetos” (BEAUVOIR, 2020, p. 8).

Zaza não conseguiu, pois, se “encaixar”; sua singularidade foi moída; seus planos, dilacerados. Os caminhos para uma emancipação consistiram em uma libertação através da morte: “Andrée morreu afogada por essa brancura” (BEAUVOIR, 2020, p. 92). O encontro consigo mesma só chegou a se concretizar na morte, conforme escreve a escritora, sublinhando a hipocrisia na qual, ao se falar de moral e do porvir das mulheres, obrigaram, na verdade, a sua amiga a não resistir diante da opressão social exercida.

De lá para cá, muitas foram as Zazas, muitas foram as que, por não se encaixarem no que dita o “Sistema”, foram suprimidas, silenciadas e apagadas. Contudo, a pergunta segue campeando entre nós: ATÉ QUANDO?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente romance, o papel de Sylvie consiste em nos fazer compreender a história de Andrée. Poucas são as lembranças de Sylvie representadas no enredo; portanto, nada se sabe sobre sua vida ou sobre suas lutas pessoais, sobre sua emancipação e, sobretudo, a respeito do antagonismo fundamental entre intelectuais transformadores e antigos e arraigados conservadores na França de seu momento. Pode-se ratificar o porquê ela é vista como uma má influência para Andrée. Enquanto a família dos Gallards possui uma posição confortável, sua própria família, inicialmente abastarda, acabou arruinada após a I Guerra Mundial.

No entanto, há algo mais grave: a Senhora Gallard, mãe de Andrée, desconfia dela, da moça transviada que estuda Filosofia, que terá uma profissão, ganhará a vida e a independência. Ela teme que a influência de Sylvie arruíne o futuro de sua filha. Ser uma mulher que possuísse um emprego, sem religião e segura de sua condição social era perigoso para a sociedade burguesa francesa do início do século XX. Diante de Simone (Sylvie), abre-se uma infinidade de possibilidades, ao passo que Andrée caminha para a morte.

Destarte, será Sylvie/Simone quem ressuscitará Andrée, fazendo-lhe justiça por meio da Literatura. Dessa maneira, buscou-se apresentar, por meio do presente artigo, em que sociedade a autora estava inserida. Por meio do relato autobiográfico e das reminiscências encontradas no romance, foi possível traçar o pacto autobiográfico entre as personagens, a narração e os leitores, que acabam se envolvendo com as lutas traçadas pela personagem Andrée (Zaza).

A obra em estudo, para além das áreas de pesquisa utilizadas por e para esse artigo, ainda deixa margem para outras linhas de pesquisa em vieses distintos, reconhecendo e agregando ainda mais notoriedade a Simone de Beauvoir e suas obras. Beauvoir e sua obra imorredoura, com o meandro que ambas representam para quem as aprecia, são uma fonte inesgotável de pesquisa e de estudo que se atualizam à medida que comprovamos o quanto suas palavras são atemporais e suas contribuições *idem*.

Referências

BEAUVOIR, S. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Manuel de Lima; Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965.

BEAUVOIR, S. *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *As inseparáveis*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BONNET, Annabelle. Simone de Beauvoir: caminhos para a emancipação. *Anãnsi. Revista de Filosofia*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 113-122, 2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GUSDORF, G. *Lesécrituresdu moi*. Lignes de vie 1. Paris: Odile Jacob, 1991.

HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KIRKPATRICK, Kate. *Simone de Beauvoir: uma vida*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

LEJEUNE, Ph. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. 2004. 250 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2004.

MOTTA, Lucas Joaquim da. A relação entre ambiguidade, liberdade e condição humana em Simone de Beauvoir. *Filogênese*, Marília-SP, v. 11, p. 40-54, 2018. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/a-relacao-entre-ambiguidade-liberdade-e-condicao-humana-em-simone-de-beauvoir.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. *Revista Leonardo Pós*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2003.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM*. Publicações Acadêmicas – MG – Brasil, v. 1, n. 2, p. 1-25, out. 2012.

STELMACHUK, Maris Stela da Luz. *Mulheres do século XX: memórias e significados de sua inserção no mercado formal de trabalho*. 89 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis-SC, 2012.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no ocidente: o século XX*. Porto: Afrontamento, 1995. p. 31-94.

THOMÉ, Bruna. *Por uma ética feminina: considerações acerca de uma ética da liberdade em Simone de Beauvoir*. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021.

Para citar este artigo

SOUSA, Erika Maria Albuquerque; CÂMARA, Yls Rabelo; MORAIS, Solange Santana Guimarães. Autobiografia, patriarcalismo e emancipação feminina na obra *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 1, p. 94-109, jan.-abr. 2023.

As autoras

Erika Maria Albuquerque Sousa é graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, campus Caxias. Membro do grupo de pesquisa CNPq: Literatura, Arte e Mídias - LAMID e do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense - NUPLIM/ CNPq. Membro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon: o feminino em pauta (FECLESC / UECE). Coordenadora de Assuntos Científicos e Programação da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras (LICLE/UEMA). Bolsista FAPEMA 2021-2022. Representante discente no Colegiado de Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias - UEMA, campus Caxias. Interessa-se pelo estudo de Teoria Literária, Memória, Autobiografia, Literatura Brasileira, Literatura produzida por mulheres. Atuando como pesquisadora desde 2015. Autora do livro "O dilema do taxista: memórias apátridas". ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0561-8961>.

Yls Rabelo Câmara é hispano-brasileira, é Pós-Doutora em Educação (2019) pela Universidade Estadual do Ceará; Doutora Cum Laude em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones (2016) pela Universidad de Santiago de Compostela, que tem Menção de Qualidade Internacional; Mestre com nota máxima na dissertação em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones (2009), também pela Universidad de Santiago de Compostela; Especialista em Ensino de Língua Espanhola E/LE (2017) pela Faculdade Ateneu; Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras - Inglês (2003) pela Universidade Estadual do Ceara; e Licenciada em Letras Português-Inglês e suas Respectives Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará (1997). Atualmente é graduanda de três cursos de licenciatura distintos pelo Centro Universitário Estácio do Ceará: Letras Espanhol, Pedagogia e História, com o fito de complementar sua formação de base. Tem proficiência nativa na língua espanhola atestada pelo DELE (C2) em 2013 e é preparadora de professores de espanhol para o referido exame de proficiência e para o referido nível de usuários proficientes (C2). No pós-doutorado, com foco na História Oral, investigou sobre as rezadeiras da periferia de Fortaleza, nossas bruxas atuais. Tendo a figura da mulher mística e empoderada sempre em foco, seus objetos de estudo tanto no mestrado quanto no doutorado foram a Literatura Celta, os feminismos, a figura da Bruxa e a Lenda Arturiana no Magnum Opus de Marion Zimmer Bradley: "As Brumas de Avalon" (1982). Tem experiência de trinta e quatro anos no ensino das línguas portuguesa, inglesa e espanhola e suas correspondentes literaturas, tendo tanto em um curso livre de

idiomas de sua propriedade como em diversos cursos livres de idiomas no Brasil e na Espanha, assim como em faculdades cearenses (graduação e pós-graduação) e piauiense (pós-graduação), nas modalidades presencial e semipresencial. Tem experiência na editoração de revistas científicas, tendo sido Secretária Executiva da Revista Educação & Formação (A2 em Educação), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, como uma das atribuições de sua bolsa PNPd. Atualmente é revisora de diversos periódicos em suas áreas de atuação e membra de corpos editoriais de editoras e revistas científicas. Vem desenvolvendo pesquisas diversas com ênfase no empoderamento feminino, na arte da cura através do elemento feminino (rezadeiras), na sabedoria popular sertaneja dos profetas da chuva, além de dedicar-se ao estudo dos costumes, literaturas, mitologias e folclores dos povos de fala portuguesa, inglesa e espanhola. Outrossim, é a idealizadora, a Líder e a Orientadora do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, chancelado pela Feclesc/UECE, que alberga pesquisadores (graduandos, graduados, especializandos, especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos, doutores, pós-doutorandos e pós-doutores de diversas áreas do saber) em sete países (Brasil, Espanha, Portugal, França, Holanda, Gales e Egito) e trata especificamente do estudo e da produção científica acerca da Literatura Produzida por Mulheres - tanto brasileiras como estrangeiras, pretéritas e atuais. Neste momento, estão sendo organizados por nós dois e-books com trinta artigos e cinco ensaios em português, inglês e espanhol sobre as mais de trinta escritoras estudadas por nós na primeira edição de nosso Grupo de Estudos (que durou sete meses, de 13 de agosto de 2020 a 25 de março de 2021, com previsão de publicação para junho ou julho de 2022. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2009-5022>.

Solange Santana Guimarães Moraes possui doutorado em Ciência da Literatura-UEMA/UFRRJ (2014), mestrado em Teoria da Literatura-UFPE (2002), especialização em Leitura e produção de texto-PUC/MG (2000). Atualmente é Professora Adjunto II, 40h, Diretora dos Cursos de Letras do CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS, da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Teoria Literária, Literatura Comparada, Literatura Maranhense. Docente do Mestrado em Letras/UEMA. Coordenadora da Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa-CEC. Membro do Núcleo Estruturante do Curso de Letras do CESC/UEMA. Líder do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense-NuPLiM/CNPq-CEC/UEMA. Pesquisadora no Grupo de Estudos Literários Memória e Arte- GELMA/CNPq - CESC-UEMA. Membro do CEP (Conselho de Ética em Pesquisa) da UEMA. Editora-Chefe da Revista de Letras - Juçara, do Departamento de Letras do CESC-UEMA. Coordenadora da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras-LICLE/CEC-UEMA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1902-4630>.